

## ▼ Editorial

Reflete sobre a necessidade de valorizar e fortalecer o senso de humanidade, em defesa da paz e dos direitos fundamentais .....2



Crédito: AILPesh.

## Esperançar

O texto de Mylene Santiago aborda a esperança como dimensão da Espiritualidade na obra de Paulo Freire (1921-1997), patrono da educação brasileira. Ela trabalha a perspectiva do educador pernambucano sobre a dor, o exílio e a luta pela transformação do mundo, e mostra a afinidade de seu pensamento com o Espiritismo.

**Páginas 5 e 6**

Confira as novidades e participe!



## “Abraçar as diferenças”



Crédito: Allan Gouvêa.

A expressão é do especialista em acessibilidade, Fludualdo Talis de Paula, que também é trabalhador do IDE-JF. Por ocasião das obras realizadas pelo Instituto na entrada de sua sede principal, O IDEAL conversou com especialista sobre a temática, contemplando não só o seu sentido físico, estrutural, mas também a importância de estabelecer a inclusão das pessoas com deficiência por meio de atitudes.

**Páginas 3 e 4**

## Obras de acessibilidade no IDE-JF

Confira a entrevista com o voluntário Antônio Carlos Ramos da Paixão sobre as obras feitas na entrada do prédio da sede principal, com o objetivo de melhorar a acessibilidade da casa. Ele explica em detalhes todas as intervenções e a importância dessas adequações arquitetônicas.

**Páginas 7 e 8**

## Atividades do IDE-JF

### Atendimento Fraterno

Quinta-feira: 20h  
Sexta-feira: 14h30 e 18h

### Farmácia/CAEC\*

Terça e sexta-feira: 14h às 17h

### Biblioteca

Quinta-feira: 19h30 às 21h30  
Sexta-feira: 14h30 às 16h  
Sábado: 18h30 às 20h30

### Bazar\*

Sábado: 9h às 11h30

### Grupo de Higiene Mental

(on-line)

Terça-feira: 19h30

### Grupo de Apoio

Segunda-feira: 20h

### Passe

Quinta-feira: 20h

Sábado: 19h

### Espiritismo para Crianças e

### Mocidade

Quinta-feira: 20h

Sábado: 19h

Domingo: 9h30 às 10h30

### Tratamento Magnético

Sexta-feira: 15h e 18h30

\* Funciona na Avenida Santa Luzia, 40 – Bairro Santa Luzia.

## Grupos de Estudos

Obra, Autor	Dirigente	Dia, horário Formato
<i>O Espiritismo de uma forma mais simples</i> , Allan Kardec/IDE-JF	Graça Paulino	Domingo, 9h30 Presencial
Cartas de Paulo	João Luiz da Rocha	Segunda, 19h Presencial
<i>O Livro dos Espíritos</i> , Allan Kardec	Thereza Cristina	Quinta, 19h Presencial
<i>Revista Espírita 1862</i> , Allan Kardec	Myrian Jorio	Sexta, 20h On-line



**PALESTRAS  
PÚBLICAS**

Quinta-feira | 20h

Sábado | 19h

É recomendável o uso de máscara de proteção facial durante todo o tempo de permanência na casa.

## "Pra variar, estamos em guerra"

Os atentados terroristas desferidos pelo Hamas ao Estado israelense, em 7 de outubro de 2023, deram início a uma escalada de violência assombrosa, intensificando o antigo conflito que envolve Israel e o grupo político e militar.

Logicamente, a guerra instalada tem mobilizado governantes de diversos países, além de organismos internacionais, que buscam sem sucesso, ao menos por enquanto, um cessar-fogo. Porém, na era da intensa e acelerada circulação de informação, o conflito tem inflamado corações e mentes ao redor do mundo, inclusive no Brasil. Muitas dessas pessoas, inclusive, ficam ávidas por se posicionarem diante da disputa e, com isso, apontarem o oponente como principal culpado e mais brutal.

Não cabe (literalmente), aqui, recuperar as origens históricas dessa disputa. Também não parece razoável, nesse momento, procurar defender as ações de um ou outro lado. Importa, sim, e muito, acima de tudo, defender a vida e a segurança de pessoas inocentes. Os civis, que não decidiram travar guerra alguma, são os que mais têm sofrido: ao se tornarem reféns, ao serem expulsos de sua terra, ao viverem em condições inóspitas (sem água, luz, alimentos e medicamentos), ao terem seus bens destruídos, ao verem seus amigos e familiares mortos.

De maneira análoga, é também assustador observar o aumento do preconceito, da xenofobia e da intolerância religiosa em outras partes do mundo. Em pleno século XXI, as diversas formas de violência às quais temos assistido não deveriam mais ter espaço nas relações sociais. É urgente exaltar o senso de humanidade entre as pessoas, em detrimento dos sentimentos de ódio e revanchismo.

De acordo com a Espiritualidade superior, os povos que guerreiam “têm que ser esclarecidos (...), mediante a persuasão e com brandura, *nunca a ferro e fogo*”<sup>1</sup>. E os Espíritos vão além, ao questionarem a nossa atitude enquanto espíritas e cristãos: “como quereríeis que estranhos acreditassem na vossa palavra, quando desmentis com os atos a doutrina que pregais?”<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> *O Livro dos Espíritos*, questão 671, grifo nosso.

### Diretoria do IDE-JF

Departamento Administrativo: Ademir Amaral e Marco Antônio Corrêa  
Departamento de Comunicação: Allan Gouvêa e Gabriel Lopes Garcia  
Departamento Doutrinário: Geraldo Marques e Myrianceli Jorio  
Departamento Editorial: Angela Araújo Oliveira e Elisa Marques da Costa  
Departamento de Evangelização: Janezete Marques e Lucas Rieger de Oliveira  
Departamento Mediúcnico: Juliana Martins Nader Leite e Léia da Hora  
Departamento Social, de Promoção e Eventos: Claudia Nunes e Graça Paulino

### Expediente

O IDEAL é uma publicação mensal do Instituto de Difusão Espírita de Juiz de Fora – Rua Torreões, 210 – Santa Luzia – 36030-040 Juiz de Fora/MG  
Tel.: (32) 3234-2500 – divulgacao.idejf@gmail.com  
Departamento de Comunicação: Allan de Gouvêa Pereira e Gabriel Lopes Garcia  
Jornalista Responsável: Allan de Gouvêa Pereira – MTE: 18903/MG  
Editoração: Angela Araújo Oliveira  
Tiragem: 500 exemplares – Publicado em novembro de 2023.  
Impressão: W Color Indústria Gráfica – Tel.: (32) 3313-2050  
Os artigos não assinados são de responsabilidade do Departamento de Comunicação do IDE-JF. /

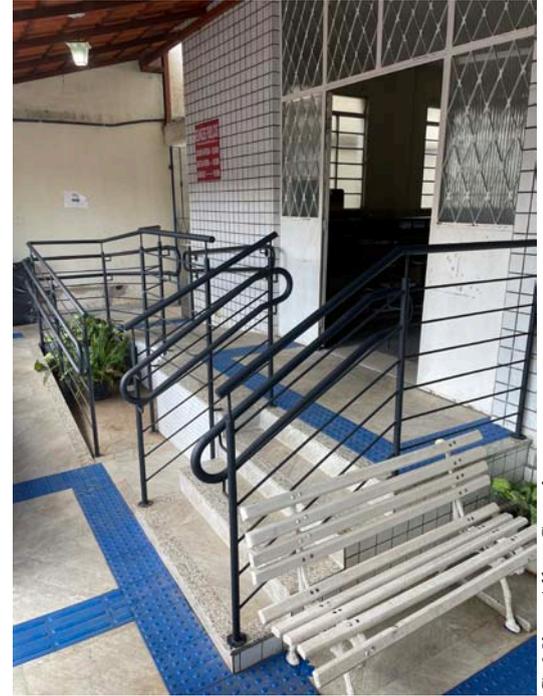
## Espaços acessíveis

*IDE-JF realiza obras de acessibilidade na entrada de sua sede principal*

A Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015, define acessibilidade como a “possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação (...), bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privado de uso coletivo (...), por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida”. Porém, por mais que a legislação brasileira aponte um conjunto estabelecido de diretrizes, a questão da acessibilidade para as pessoas com deficiência (PcD) ainda é bastante desafiadora em nossos dias, tanto material quanto simbolicamente.

Em julho deste ano, o Instituto de Difusão Espírita de Juiz de Fora (IDE-JF) deu início às obras de um projeto de acessibilidade, que objetiva proporcionar maior segurança e autonomia a todos os públicos que frequentam a sede principal. Trata-se de uma demanda e um desejo antigo dos trabalhadores da casa, tendo em vista que muitos espaços apresentam obstáculos para a livre circulação de pessoas, em especial das que têm alguma deficiência ou mobilidade reduzida.

Há alguns anos, o Instituto construiu, com recursos próprios, um banheiro adaptado no final do corredor lateral. Entretanto, uma das principais dificuldades para a continuidade das obras dessa natureza costuma ser o custeio das despesas de materiais e da mão de obra. Mais recentemente, todavia, o IDE-JF recebeu uma doação de um grupo de espíritas, residentes na cidade de Dubai



Crédito: Allan Gouvêa.

(nos Emirados Árabes), que viabilizou a execução das intervenções realizadas neste ano. A diretoria do Instituto tinha um projeto amplo de acessibilidade dos espaços, contudo, o valor recebido não seria suficiente para implementá-lo na sua totalidade; com isso, após estudos e discussões entre diretores e colaboradores, optou-se por priorizar a realização de adaptações estruturais na entrada da sede da Rua Torreões, as quais, ainda assim, sofreram ajustes para que coubessem no orçamento disponível.

O responsável pelo projeto foi o colaborador Antônio Carlos Ramos da Paixão, que concedeu entrevista para O IDEAL nesta edição (*ver p. 7 e 8*). A diretora e engenheira civil Jane Marques também acompanhou a elaboração desse projeto, que consta, basicamente, da construção

de uma rampa para a entrada principal e de uma nova escada, incluindo as adequações necessárias (rebaixamento de chão, instalação de pisos específicos, corrimão e guarda-corpo), além de nivelamento na calçada em frente ao IDE-JF, que agora conta com rampa e piso tátil.

**“As maiores dificuldades são simbólicas”, afirma especialista**

O trabalhador do IDE-JF, Fludualdo Talis de Paula, tem deficiência visual e é especialista no tema da acessibilidade. Ele coordena, na Câmara Municipal de Juiz de Fora, o projeto “Diversidade – somos todos diferentes” e, na Prefeitura, atua no Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAEE Oeste/Sudeste).

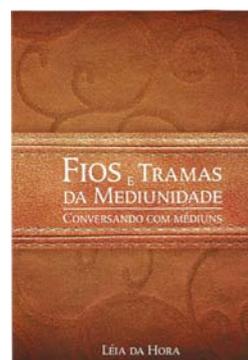


**Fios e tramas da mediunidade: no âmbito da reunião mediúnica (2018)**

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria



**Fios e tramas da mediunidade: conversando com médiuns (2012)**

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria



Fludualdo Talis de Paula

No meio espírita, Fludualdo é palestrante e frequenta grupos de estudo e mediúnicos. Apesar de reconhecer a importância das transformações estruturais nos espaços físicos, Fludualdo defende que as mudanças mais importantes são simbólicas e que nós, espíritas, estamos muito atrasados em relação à inclusão.

Segundo ele, dos seis eixos de acessibilidade (arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal), o das atitudes é o mais central. Isso porque a acessibilidade atitudinal, que está no plano da percepção, pode auxiliar nas demais. Ele exemplifica com a importância da presença de intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (Libras) nas comunicações espíritas orais, para a inclusão de pessoas surdas, ou com a necessidade de audiodescrição, quando um expositor se vale de estratégias comunicativas meramente visuais (por exemplo, quando se afirma em uma palestra: “veja este livro”, “olha este *slide*” etc.) – situação que pode dificultar a compreensão de uma pessoa cega.

Fludualdo acredita, nesse sentido, que é preciso preparar melhor as pessoas

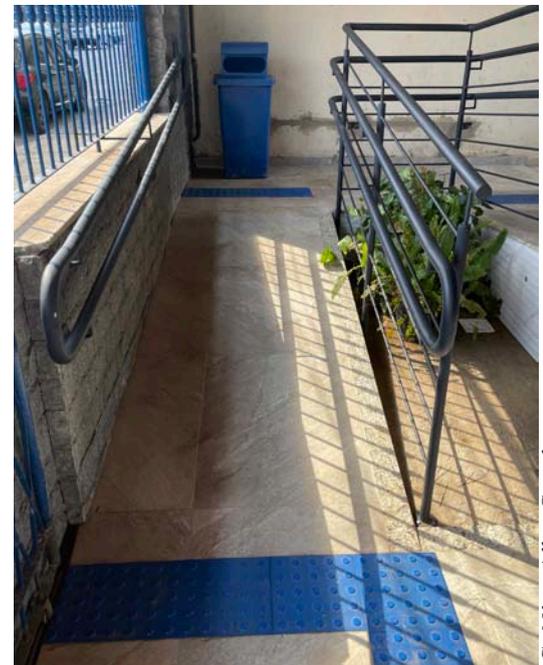
para o acolhimento nos centros espíritas. Ele acrescenta que esse trabalho parte do entendimento de que a pessoa com deficiência não deve ser vista só pela sua deficiência, pois isso é apenas uma de suas características. A ideia de dar autonomia é, assim, facilitar a sua locomoção e permitir que ela tenha acesso livre para necessidades básicas, como tomar água ou ir ao banheiro. Para uma pessoa com deficiência visual recém-chegada, conforme Fludualdo explica, é muito importante que ela seja convidada a conhecer o espaço como uma forma de acolhimento.

Ainda na defesa da concepção de uma mudança de percepção, o especialista relata que o preconceito e o capacitismo (discriminação contra pessoas com deficiência) ainda são muito fortes na nossa cultura. De acordo com ele, a disseminação de frases como “mais perdido do que cego em tiroteio” ou “dando uma de João sem braço” é uma evidência de como essa cultura capacitista é naturalizada. Por

isso, Fludualdo reforça o entendimento de que somente a educação pode ajudar a desconstruir estereótipos.

Em relação ao movimento espírita, ele também tece críticas aos indivíduos que insistem no pensamento de que as pessoas com deficiência estão, necessariamente, “resgatando dívidas”. “Quem garante?”, ele questiona. “A PcD não pode ser vista como aquela que está ‘pagando’ por algo do passado”, afirma Fludualdo, ao identificar a persistência de uma perspectiva de responsabilização hipotética, que não deve ser sustentada, e que é usada para criar estigmas.

Além do mais, ele destaca a importância de pensar na PcD nas diversas iniciativas do centro espírita, nos cursos e nos grupos, oferecendo materiais e recursos capazes de promover a inclusão, ainda que essas ações não sejam perfeitas. “Os irmãos da doutrina espírita precisam abraçar as diferenças. É com elas que nós vamos aprender como irmãos”, finaliza.



Crédito: Allan Gouvêa.



**O Espiritismo de uma forma mais simples** (3ª edição – revisada 2014)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



**O Evangelho de uma forma mais simples** (2009)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria

## A esperança como experiência de Espiritualidade

Podemos entender por Espiritualidade a nossa relação com o sagrado, o transcendente. É a manifestação inata da Lei de Adoração em nós. Na obra *Pedagogia da Esperança*, Paulo Freire (1992) não discute a Espiritualidade de forma direta, mas faz reflexões sobre dor, Deus, existência e transformação que dialogam com a experiência de Espiritualidade.

Ao abordar sua experiência com a depressão, menciona que buscava investigar e esclarecer a razão de sua dor, enquanto educava a esperança de um dia se livrar de seu mal-estar. O caráter educativo que Freire dá ao sentimento de dor nos permite refletir sobre o caráter pedagógico e transformador da mesma e de seu conceito de esperança, que não significa espera, mas guarda relação com autoconhecimento e busca de superação de situações difíceis. Na sequência de sua narrativa, Freire narra sua ida a Jabotão, à procura de sua infância.

Parei em frente à casa em que morei. A casa em que meu pai morreu no fim da tarde do dia 21 de outubro de 1934. “Revi” o gramado extenso que havia na época em frente à casa, onde jogávamos futebol. “Revi” as mangueiras, suas frondes verdes. Revi os pés, meus pés enlameados, subindo o morro correndo, o corpo ensopado. Tive diante de mim, como numa tela, meu pai morrendo, minha mãe estupefata, a família perdendo-se em dor. [...] Naquela tarde chuvosa, de verdura intensa, de céu chumbo, de chão molhado, eu descobri a trama de minha dor. Percebi sua razão de ser. Me conscientizei

das várias relações entre os sinais e o núcleo central, mais fundo, escondido dentro de mim. Desvelei o problema pela apreensão clara e lúcida de sua razão de ser. Fiz a “arqueologia” de minha dor. (p. 15-16)

Ao fazer a arqueologia de sua dor, Freire (re)descobre sentimentos e respostas relacionadas à perda de seu pai ainda criança. A arqueologia da dor corresponde a uma viagem interior, que implica conhecer e aceitar a dor e, nesse processo de (re)conciliação, negociar a libertação, que é uma forma de transformação do sentimento de desinteresse do mundo e da estranheza de não conhecer a razão da dor, que para Freire assumia o caráter de razão da desesperança.

A filosofia espírita abre novas perspectivas para interpretar e lidar com as dores existenciais. Assim, a depender do modo como encaramos os amargores da vida terrena, podemos intensificar ou suavizar nossas provas e expiações. Se encarmos a vida sob um ângulo espiritual mais amplo, moderamos nossos desejos, não invejamos a vida alheia e diminuímos a importância das coisas mundanas.

A experiência do exílio é outra possibilidade de transformação e de contato com sentimentos contraditórios e de ameaça à perda da esperança. Nas palavras de Freire (p. 17):

Experimentamos, é certo, na travessia que fazemos, um alvoroço na alma, síntese de sentimentos contraditórios – a esperança da liberdade imediata das ameaças, a leveza da ausência do inquietador, do perguntador brutal e ofen-

*Mylene Cristina Santiago* sivo, ou do arguidor taticamente cortês, a cuja lábia mais facilmente, pensam, o “subversivo malvado e perigoso” se entrega e a que se junta, para ampliar o alvoroço da alma e nela, a “culpa” de estar deixando seu mundo, seu chão, o cheiro de seu chão, sua gente. Do alvoroço da alma faz parte também a dor da ruptura do sonho, da utopia. A ameaça da perda da esperança.

Se por um lado a mudança de espaço representa proteção contra a liberdade ameaçada, por outro, a imposição do exílio representa ser obrigado a abandonar suas raízes, representa outra forma de privação de liberdade. Freire relata o sentimento de frustração e culpa de pessoas que conheceu em situação de exílio:

Conheci exilados que só a partir do quarto e do quinto anos de exílio começaram a comprar um ou outro móvel para suas casas. Era como se suas casas semivazias falassem com eloquência de sua lealdade à terra distante. Mais ainda, era como se suas salas semivazias não apenas quisessem dizer de seu anseio de voltar, mas já fossem o começo da volta mesma. A casa semivazia diminuía o sentimento de culpa de ter deixado o chão primeiro. (p. 17)

As vivências de medo, as relações de deslocamento entre contexto de origem e de empréstimo, geravam nos trabalhadores imigrantes um cansaço existencial, que nas palavras de Freire (p. 63) era um cansaço que não era físico, mas espiritual, que deixava as pessoas por ele assumidas vazias de ânimo, de esperança e tomadas,



**A Mediunidade de uma forma mais simples (2016)**

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



**Que somos nós? Um estudo da interação Espírito, corpo e ambiente (2015)**

Ricardo Baesso, Geraldo Luciano Marques, Carlos Alberto Mourão Júnior, Carlos Eduardo Nogueiras, David Sérgio Gouvêa, Eliane Banhato e Lyderson Viccini

R\$ 22,00

Disponível na Livraria

sobretudo, do medo da aventura e do risco.

Seu comovente relato nos faz lembrar de uma passagem atribuída a Jesus (Mateus 25:35-40), na qual Ele enfatiza a importância do cuidado e da compaixão como caminhos de Espiritualidade.

Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram; necessitei de roupas, e vocês me vestiram; estive enfermo, e vocês cuidaram de mim; estive preso, e vocês me visitaram. Então os justos lhe responderão: “Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos como estrangeiro e te acolhemos, ou necessitado de roupas e te vestimos? Quando te vimos enfermo ou preso e fomos te visitar?” O Rei responderá: “Digo a verdade: O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram”.

Parece-nos que a Pedagogia da Esperança foi pensada como possibilidade de transformar a anestesia histórica e o cansaço existencial em possibilidades de reagir e de acreditar em possíveis mudanças. Neste contexto, surge o conceito de inédito viável como resposta à situação-limite provocada pela dor e desesperança, assumindo caráter propositivo de superação da condição e sentimento de opressão. Para Freire (p. 106):

Assim, quando os seres conscientes querem, refletem e agem para derrubar as “situações-limites” que os e as deixaram a si e a quase todos e todas limitados a ser-menos o “inédito-viável” não é mais ele mesmo, mas a concretização dele no que ele tinha antes de inviável.

O inédito viável seria a tônica da transcendência, resposta de transformação da dor em esperança, na situação-limite em possibilidades de mudanças e na busca da utopia, que se confunde ou é por si mesma, uma experiência espiritual e ato de fé.

Homens e mulheres, ao longo da história, vimo-nos tornando animais deveras especiais: inventamos a possibilidade de nos libertar na medida em que nos tornamos capazes de nos perceber como seres inconclusos, limitados, condicionados, históricos. Percebendo, sobretudo, também, que a pura percepção da inconclusão, da limitação, da possibilidade, não basta. É preciso juntar a ela a luta política pela transformação do mundo. A libertação dos indivíduos só ganha profunda significação quando se alcança a transformação da sociedade. (p. 51-52)

Esse pensamento encontra grande afinidade com o do Espiritismo, segundo o qual todos os Espíritos, sem exceção, fomos criados com todos os recursos necessários e suficientes para conquistar o nosso progresso intelecto-moral. A organização e as características da sociedade são frutos das nossas escolhas e, portanto, uma vez que constatamos as injustiças e as desigualdades sociais, nós mesmos, Espíritos reencarnados, é que devemos resolvê-las. Nessas lutas de ideias e práticas, o Espírito se aprimora e constrói uma sociedade na qual reinam a caridade e a fraternidade. A Doutrina Espírita corrobora a proposta freiriana e a estende para múltiplas reencarnações, nas quais esse processo de progresso individual e coletivo vai se realizando gradualmente.

Para assumir a possibilidade de mudança e nossa capacidade de intervenção

no mundo que não é, mas está sendo, é necessária a humildade para admitir nossa inconclusão. Só assim temos a condição de assumir o nosso compromisso ontológico em ser mais, ou seja, compreender que precisamos nos renovar intimamente, através de mudanças que nunca se operam individualmente e, sim em comunhão com nossos próximos, mediatizados com o mundo. A esperança é um conceito que dialoga com a Espiritualidade enquanto instrumento de transcendência e luta por novos sentidos de ser e de estar no mundo:

Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas, prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. [...] Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã.

A esperança em Paulo Freire é um ato de resistência e de Espiritualidade pautado na luta pela melhoria do mundo, que pode ser entendida como forma de superação do orgulho e do egoísmo, que têm provocado escassez, violência e morte ao longo da existência humana. Esperançar é uma busca constante pelo inédito viável, por uma realidade que ainda não conhecemos, mas que buscamos incansavelmente.



**Breve história de todos nós –  
Uma síntese do tema Evolução  
e Espiritismo (2014)**

*Ricardo Baesso, Geraldo Luciano Marques,  
Carlos Eduardo Nogueiras, David Sérgio  
Gouvêa e Lyderson Viccini*

R\$ 25,00

Disponível na Livraria



**Maco, o prego feliz (2013)**

*Léia da Hora*

R\$ 15,00

Disponível na Livraria

## O IDEAL ENTREVISTA

### Antônio Carlos Ramos da Paixão

De acordo com o Estatuto da Pessoa com Deficiência, acessibilidade é a possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e suas tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida.

O IDE-JF fez recentemente algumas obras na entrada do prédio da sede principal para melhorar a acessibilidade da casa. Entrevistamos o voluntário Antônio Carlos Ramos da Paixão, que conduziu o projeto com o Departamento Administrativo. As obras foram totalmente financiadas por meio de uma doação de um grupo de companheiros espíritas que moram em Dubai, a quem endereçamos nossa gratidão pela ajuda fundamental para a concretização desse projeto.

#### **Explique para nós as obras que foram feitas na entrada do IDE-JF para eliminar as barreiras arquitetônicas que restringiam a acessibilidade.**

As condições mínimas e básicas para a livre circulação de pessoas é garantida por legislações federais, estaduais e municipais; estas normas facilitam e permitem segurança às pessoas para terem garantido o direito básico de ir e vir. As calçadas (passeios) são as vias que possibilitam que os cidadãos possam transitar pelos espaços públicos rurais e urbanos com liberdade, autonomia e segurança. Essas vias permitem também a conexão com as diversas estruturas físicas existentes em uma região. É de responsabilidade do proprietário do imóvel a manutenção de todo o aparato que permite a segurança e o livre trânsito das pessoas pela calçada. No caso do IDE-JF, estas especificações mínimas básicas ainda não eram completamente atendidas na calçada de sua responsabilidade.

A adequação e evolução de normas e leis em nossa sociedade ocorre continuamente; no caso específico da acessibilidade aos espaços físicos, o IDE-JF procurou adequar-se a essas evoluções normativas em alguns pontos de sua estrutura física externa e interna, dentro do que era possível em uma reforma simples de uma edificação existente, para contemplar e assegurar a autonomia e segurança nas vias/rotas de trânsito das pessoas nesses espaços.

Resumidamente, a reforma efetuada na calçada à frente da edificação do IDE-JF compreende os seguintes pontos:

- Execução de todo o piso antiderrapante da calçada, retirando as imperfeições existentes (fissuras, desníveis etc.).
- Colocação de sinalização tátil na calçada e no interior da edificação. Essa sinalização tem a função de guiar o fluxo e orientar os direcionamentos nos percursos de circulação por parte da pessoa com deficiência. Ela é composta por piso tátil de alerta<sup>1</sup> e piso tátil direcional<sup>2</sup>; o piso tátil possui cor contrastante com o piso no entorno do mesmo, o que facilita a sua visualização.
- Adequação e sinalização da rampa de acesso da rua com

a calçada do IDE-JF, permitindo o acesso com facilidade à calçada.

- Adequação da abertura do portão que permite o acesso da calçada para o interior do IDE-JF.
- Instalação de faixas sinalizadoras fotoluminescentes nos degraus. As sinalizadoras faixas permitem a pessoas com dificuldade visual de percepção espacial, ou seja, dificuldade em perceber a diferença de níveis entre os pisos dos degraus, que identifiquem a existência de diferenças de níveis entre os pisos na escada.
- Regularização dos níveis do piso no afastamento frontal (trecho entre o muro e a edificação) e adequação do espaço, criando com isto trajetos específicos, lógicos e claros para a circulação das pessoas.
- Colocação de revestimento antiderrapante no piso.
- No afastamento frontal do imóvel, foram criadas rampas de acesso à edificação, permitindo que todas as pessoas acessem a edificação pela porta da recepção do IDE-JF, proporcionando com isso maior facilidade, menor esforço e autonomia para os frequentadores do IDE-JF.
- Instalação de guarda-corpos e corrimões no entorno da escada e rampas gerando a proteção da pessoa em uma possível queda em relação aos desníveis, e os corrimões facilitam o trânsito das pessoas. O corrimão é uma estrutura que serve como balizadora e de apoio para as pessoas transitarem por esses espaços.

#### **Quando se fala em proporcionar acessibilidade, estamos nos referindo apenas às pessoas com deficiência física ou visual?**

A acessibilidade é um direito de todas as pessoas de ir e vir a todos os espaços, a acessibilidade é fornecer cidadania a todos de usufruírem os espaços físicos. A implantação de elementos que facilitem o acesso aos ambientes proporcionam melhoria para todos que utilizam o espaço em questão e a quebra de barreiras (físicas, de comunicação, comportamentais, culturais) nos permitem acessar mundos e universos que propiciam-nos experiências novas e crescimento pessoal. O relacionar com

<sup>1</sup> Funções do piso tátil de alerta: evidenciar elementos que possam ocasionar acidentes (escadas, guias rebaixadas de rampas, elementos suspensos, postes etc.); indicar funcionamento de equipamentos (local de atendimento de recepção, livraria, biblioteca, etc.); indicar a mudança de direção do piso tátil direcional.

<sup>2</sup> Função do piso tátil direcional: indicar direção e sentido de deslocamento do pedestre com deficiência visual, sinaliza que não existem estruturas que impeçam o deslocamento da pessoa, serve como elemento balizador da bengala de rastreamento do portador dessa bengala.

o outro, com o próximo nos proporciona um enriquecimento incrível. A acessibilidade e a inclusão é sempre uma via de mão dupla em que diversas vezes, ou na maioria das vezes, as pessoas e os espaços que permitem essa interação são os que mais evoluem, mais crescem diante da diversidade de pensamentos, de modo de existir, de pontos de observações diversos de um mesmo objeto visualizado, porém, vistos de um ângulo diferentes. Estar aberto a aprender – e aprendemos muito com o próximo, com o diferente – é parte do processo evolutivo, e é exatamente por isso que encarnamos.

A acessibilidade permite a melhor utilização dos espaços e, quanto mais facilitadora e com menos barreiras físicas, melhor irá atender à diversidade de corpos existentes em nossa população. A manutenção de uma calçada em si já propicia um grande avanço:

“caminhando Jesus e os seus discípulos, chegaram a um povoado onde certa mulher chamada Marta o recebeu em sua casa. Maria sua irmã ficou sentada aos pés do Senhor, ouvindo-lhe a palavra...” (Lucas, 10:38-42)

“Então disse Jesus: ‘deixem vir a mim as crianças e não impeçam; pois o reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas’”. (Mateus, 19).

Os trechos acima servem como um simbolismo para assinalar que o objetivo final da acessibilidade é promover a conexão entre as pessoas. Jesus chega até a casa das irmãs Marta e Maria porque existe uma via de acesso que permite a ele transitar para dentro do lar delas. De nada adiantaria toda a estrutura física desta casa se não permitisse a melhor parte: o acesso às pessoas, o encontro para ouvir e dialogar com o outro. Podemos fazer uma metáfora dessa passagem da vida de Jesus com o uso recente de braille e de Libras: são vias que conectam as pessoas. “Marta! Marta! (...) Maria escolheu a boa parte, e esta não é tirada“. A melhor parte é ter acesso ao próximo, e a acessibilidade é um processo contínuo para melhorar a conexão entre as criaturas, e não o fim em si mesma.

#### **Além destas obras no prédio, quais ações podemos realizar para ampliar a acessibilidade no IDE-JF?**

A reforma realizada neste primeiro momento no IDE-JF

foi a que mais exigiu recursos financeiros (que a casa recebeu integralmente de um grupo de espíritas radicados em Dubai) e é também a que gerou maior movimentação de materiais, o que gera desconforto aos frequentadores da casa para a utilização da edificação ao longo deste processo. É importante frisar que esse processo de acessibilidade não se iniciou agora, a implantação de um banheiro no primeiro pavimento é uma das reformas mais importantes da casa no quesito de acessibilidade. O prédio do IDE-JF possui uma estrutura excelente e propicia essa interação, e as adequações são feitas para ajustar alguns pontos. Esse processo é natural em todas as edificações, são necessárias reformas periódicas (pinturas, revisão de rede hidrossanitária, elétrica, de dados) em uma edificação. Na época da construção do edifício do IDE-JF, por exemplo, não existia internet e se fez necessária a adequação do espaço para a implantação desse serviço. A própria utilização dos espaços é revista para adequação da ocupação e uso das instalações prediais do mesmo e, portanto, o seu uso e a ocupação são ajustados ao longo de sua existência.

O olhar para a acessibilidade é sempre constante desde a criação da casa. As futuras adequações do espaço exigirão uma menor movimentação estruturante do que a ocorrida nesse momento. As sinalizações dos ambientes e os elementos que permitam às pessoas acessarem os serviços e espaços da casa são essenciais: placas contendo símbolos, descrições em braille, por exemplo, podem facilitar esse processo; a identificação objetiva e sinalizada do acesso aos banheiros é necessária para que uma pessoa com deficiência visual, por exemplo, possa ir ao banheiro com maior autonomia.

Criação de espaços específicos no salão principal e com prioridades para ocupação destes espaços gerados devem ser estudados, analisados e implantados; a criação de espaços que permitam, por exemplo que pessoas que tenham restrição visual possam ter acesso prioritário para ver o palestrante e os possíveis recursos utilizados pelo mesmo para a palestra; placas táteis de identificação de pavimento nos corrimões. Trata-se de um processo contínuo, e é importante frisar e reforçar que a acessibilidade é um dos processos que permitem a inclusão, que é a meta. A ideia de pertencimento, de que se é importante é fundamental no processo de inclusão.

